

Desinformação e pós-verdade nas redes: negacionismo e teorias conspiratórias na concretude da vida¹

Misinformation and post-truth on networks: denialism
and conspiracy theories in the concreteness of life

Thiago Cury LUIZ²

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir os conceitos de desinformação e pós-verdade e as suas reverberações na saúde, no meio ambiente e na democracia. Como parâmetro metodológico, optamos pela análise de conteúdo (Bardin, 2002), cujo corpus é formado por 12 unidades de registro, entre 2020 e 2022, coletadas por meio das agências de checagem Lupa e Aos Fatos. Identificamos a presença de antagonismos e conspiracionismos nos conteúdos falsos. Concluímos que a desinformação é capaz de fraturar a sociedade em binarismos, cabendo à educação midiática o trabalho, a longo prazo, de mitigação dos efeitos, que não se restringem à ambiência virtual.

Palavras-chave: Desinformação. Pós-verdade. Negacionismo. Educação.

Abstract

The purpose of this article is to discuss the concepts of disinformation and post-truth and their reverberations in health, the environment and democracy. As a methodological parameter, we opted for content analysis (Bardin, 2002), whose corpus is formed by 12 record units, between 2020 and 2022, collected through the checking agencies Lupa and Aos Fatos. We identified the presence of antagonisms and conspiracies in false content. We conclude that disinformation is capable of fracturing society into binarisms, leaving media education to work, in the long term, to mitigate the effects, which are not restricted to the virtual environment.

Keywords: Disinformation. Post-truth. Denialism. Education.

¹ O texto em tela é fruto da minha participação no Semiedu 2022, mais especificamente como expositor na mesa “Ciência, fake news e pós-verdade: educação científica x fabricação do negacionismo”, realizada em 9 de novembro de 2022, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT).

² Doutor em Educação, mestre em Comunicação e bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Atualmente, é professor adjunto II do Departamento de Comunicação e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). É membro do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (Gpea) e do Grupo de Pesquisa em Mídia, Política e Democracia (Midiaticus). Desenvolve pesquisas sobre os seguintes temas: Desinformação; Pós-verdade; Educomunicação Ambiental e Populismo. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5117776761246028>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1196-8124>. E-mail: thiago.luiz@ufmt.br

Introdução

Nos tempos de hoje, a comunicação móvel, o acesso à internet e o uso das redes sociais e aplicativos fazem parte da rotina das pessoas, tornando-se ações habituais do nosso cotidiano. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), em 2021, 90% dos domicílios registravam acesso à internet, sendo o celular o principal dispositivo para obter conexão em qualquer ambiente. Ao todo, quase 85% da população acima de 10 anos de idade já fez uso da internet (IBGE, 2022).

Em relação ao consumo de redes sociais, o Brasil figura na terceira posição, ficando atrás apenas de Índia e Indonésia. Os mais de 131 milhões de internautas brasileiros, além de passarem mais tempo na ambiência virtual, dedicam maior atenção às redes sociais, em uma média de 46 horas de conexão por mês para cada usuário. Os dados são da Comscore, levantados em 2022 (Pacete, 2023).

No que se refere às temáticas escolhidas para este trabalho - saúde, meio ambiente e democracia, o Brasil soma, atualmente, segundo informações do Ministério da Saúde (Coronavírus Brasil, 2023), 704.897 óbitos e mais de 37 milhões de infecções³. Sobre o meio ambiente, de acordo com o Relatório Anual de Desmatamento no Brasil, do MapBiomas (2022), no ano anterior o país registrou aumento de 20,1% no índice de desmatamento, que atingiu todos os biomas do território. Por fim, o Relatório Variações da Democracia (V-Dem) concluiu que o Brasil foi o quarto país que mais se afastou da democracia em 2020 (Sanches, 2021). Em outubro do último ano, o Instituto Datafolha levantou que 79% dos brasileiros afirmam defender a democracia (Bandeira, 2022).

Assim, o objetivo central deste trabalho é compreender a lógica da desinformação em suas perspectivas imagéticas e textuais em relação a três temáticas: saúde, meio ambiente e democracia. O problema de pesquisa que nos mobiliza é: “Quais são os elementos característicos das informações falaciosas sobre saúde, meio ambiente e democracia?”. A possibilidade de a pós-verdade oferecer, por meio da criação de

³ Dados publicados em 4 de agosto de 2023.

antagonismos, condições para que o objeto da desinformação seja propagado é uma das hipóteses deste trabalho.

Do ponto de vista metodológico, a proposta se ampara na análise de conteúdo com a apresentação de quatro categorias analíticas responsáveis por detalhar os elementos caracterizadores das unidades de registro (Bardin, 2002). Para tanto, a partir de uma pesquisa exploratória, selecionamos 12 peças desinformativas, qualificadas como tais por duas agências de checagem, Aos Fatos e Lupa, entre os anos de 2020 e 2022, contemplando as três temáticas centrais desta investigação.

O artigo, além deste texto introdutório, faz uma discussão epistemológica sobre desinformação, pós-verdade, redes digitais, educação midiática e fact-checking na próxima seção. O detalhamento dos aspectos metodológicos, em suas características conceituais, de coleta e categorização, aparece na sequência. A análise e discussão dos resultados, bem como as considerações finais, dão o desfecho ao trabalho.

Apresentando conceitos: as marcas epistemológicas da pesquisa

É necessário, de partida, estabelecer a distinção entre erro e mentira (Wardle & Derakhshan, 2017), dado que a última carrega a intenção de enganar (Alcott; Gentzkow, 2017) para fins políticos e econômicos (Delmazo; Valente, 2018; Ferreira, 2018; Santaella, 2019; Bucci, 2019a). Com elevada incidência de anonimato (Bruno & Roque, 2019) e novidade (Vosoughi *et al.*, 2018), o falseamento da realidade possui 70% mais chance de ser compartilhado (Vosoughi *et al.*, 2018), além de gerar efeitos sistêmicos ao interferir no ambiente epistêmico (Ridder, 2021).

A desinformação não se trata de um fenômeno recente (Braga, 2018), e já foi objeto de investigação científica no escopo dos veículos de comunicação tradicionais (Boorstin, 2007; Marcondes Filho, 2019). No entanto, desde 2016, em dois eventos de natureza política - a eleição de Donald Trump à Presidência dos Estados Unidos (Alcott & Gentzkow, 2017; Vosoughi *et al.*, 2018; Shao *et al.*, 2018) e a saída do Reino Unido da União Europeia (Branco, 2017; Marcondes Filho, 2019) -, os estudos têm se dedicado a compreender de que maneira são produzidos, espalhados e consumidos os conteúdos fraudulentos na internet. No Brasil, a partir

das eleições presidenciais de 2018, a desinformação também se tornou um objeto de investigação (Ferreira, 2018; Fausto Neto, 2019; Cesarino, 2019; 2022).

Na atualidade, o fluxo informacional, composto por internet, dispositivos móveis, redes sociais e aplicativos de mensagens, possui muitos pólos de emissão de conteúdo, avolumando consideravelmente o tráfego de materiais em texto, foto, áudio e vídeo (Castro, 2020), a ponto da desinformação circular de modo multiplataforma (Santos, Chagas & Marinho, 2022) e transmídia (Santos Junior, 2022).

Isso gera um cenário de informação em excesso e percepção turva, o que redonda no contexto da pós-verdade (Dunker, 2017; Seixas, 2019; Santaella, 2019; Lelo & Caminhas, 2021), no qual as crenças e emoções são mais influentes do que os fatos (Oxford Learners's Dictionaries, 2016), diminuindo a relevância do que se instituiu como ideia de verdade factual (Arendt, 1967) em oposição ao factóide (Sodré, 2019). Com isso, verificam-se cenários de distanciamento da realidade e o aparecimento de metaversos (Lé, Anecleto; Ribeiro, 2022).

Neste caso, tem relevância a arquitetura das redes, cuja propensão para disseminar discursos antiestruturais, como populismo, conspiracionismo e negacionismo, é consideravelmente elevada. Aliado a isso, as plataformas operam sob a lógica algorítmica, na qual o conteúdo vale menos do que o engajamento (Amaral; Santos, 2019), que será tanto maior quanto mais eficiente for o apelo aos afetos (Sodré, 2019), por meio do medo, da repulsa e do ódio (Cesarino, 2022), gerando bolhas (Bucci, 2018; Santaella, 2019), câmaras de eco e vieses de confirmação (Sunstein *et al.*, 2016). Sendo assim, tem-se o *clickbait* e a viralização como pedra de toque das plataformas (Amaral; Santos, 2019), na conjuntura em que a tecnologia é convertida em meio (Fausto Neto, 2019).

Aqui, não nos referimos apenas à narrativa claramente falsa, mas àquela criada por programas, com elevado nível de sofisticação, capazes de simular com grau de exatidão considerável uma personalidade qualquer, seja na aparência ou na voz, por meio da inteligência artificial. Outro recurso tecnológico, criado e manipulado pelos seres humanos, são os robôs (*bots*), cujo objetivo não é criar informações falsas, mas potencializar o seu espalhamento e, portanto, o alcance (Shao *et al.*, 2018).

No caso específico do negacionismo, das teorias conspiratórias e das ciências alternativas (Cesarino, 2022), a desinformação opera nas mídias sociais de modo a relativizar o que seria interdito na comunicação tradicional (Boarini; Ferrari, 2020), de acordo com estudo de Luiz, Passos e Tomaselli (2022) sobre a vacinação contra a Covid-19 em crianças. Como observaram Recuero, Volcan e Couto Jorge (2022), os conteúdos enganosos sobre a pandemia desencadearam um movimento antivacina em relação a outras imunizações infantis, derrubando os índices de todas elas.

Por este motivo, o sistema de peritos, formado por jornalistas, cientistas e artistas, historicamente responsáveis por debater os assuntos mais candentes da esfera pública, é alvejado por narrativas falaciosas nas redes. No caso da imprensa, elas ora questionam a sua credibilidade (Alexander, 2018), aproveitando a precariedade do pacto entre imprensa e público (Sodré, 2019), ora mimetizam-na para explorar a confiabilidade existente (Ferreira, 2018; Bucci, 2019a). No limite, as mídias sociais, ao espalharem narrativas improcedentes, fomentam os processos de desintermediação e reintermediação (Cruz, 2019; Cesarino, 2022)

Como forma de mitigar os danos causados pela desinformação, o jornalismo deslocou o seu eixo de atuação: se ficou notabilizado por ditar o ritmo das mediações, levando à opinião pública seus relatos sobre os acontecimentos, com a pulverização do fluxo informacional também atua, por meio do fact-checking (Delmazo; Valente, 2018; Sacramento; Paiva, 2020), para aferir os conteúdos produzidos à margem do seu espectro.

Outra iniciativa, com efeitos aguardados para médio ou longo prazo, relaciona-se à literacia ou educação midiática (Branco, 2017), na medida em que pode criar condições para compreender as novas tecnologias engajadas na produção de conteúdo genuíno (Oliveira; Sousa, 2022; Luiz; Sato, 2020; 2021; 2022a; 2022b; Brito, Senra; Luiz, 2022a; 2022b) em arranjos educacionais (Soares, 2014a; 2014b; Martín-Barbero, 2000; 2014; Citelli, Soares & Lopes, 2019; Orozco Gómez, 2014), sustentados na pedagogia freireana (Freire, 2013; 2014; 2018; Peruzzo, Bassi; Silva Junior, 2022; Pereira; Fossá, 2021).

Bases epistemológicas da pesquisa

Para a consecução dos objetivos delimitados em articulação com o problema de pesquisa, estabelecemos, além da pesquisa bibliográfica (Stumpf, 2005), a análise de conteúdo (Bardin, 2002), de natureza qualitativa, com a definição de categorias analíticas para produção de inferências.

Para a composição do corpus, iniciada a partir de pesquisa exploratória, estabelecemos critérios temáticos e temporais: critérios temáticos (saúde, meio ambiente e democracia) e critério temporal (2020 a 2022), sem definir regularidade na coleta de dados. Dessa forma, reunimos 12 narrativas classificadas como falsas por duas agências de checagens: Lupa e Aos Fatos.

Como categorias analíticas, temos: [i] objeto da desinformação (o que é distorcido); estilo (teor discursivo da mensagem); imagem/texto (relação contextual entre os elementos do conteúdo enganoso); e antagonismos (instâncias rivalizadas pela desinformação, explorando o contexto da pós-verdade).

Dessa forma, a nossa amostra, composta por 12 unidades de registro (UR), fica organizada da seguinte forma:

Quadro 1 - Checagens classificadas como falsas por Lupa ou Aos Fatos

UR	DATA	TÍTULO/REFERÊNCIA	TEMÁTICA
1	24/04/2020	É falso que máscaras importadas da China estão infectadas com o novo coronavírus (Menezes, 2020a)	Saúde (pandemia)
2	24/06/2020	É falso que cloroquina está sendo distribuída gratuitamente 'em toda a Europa' (Queiroz, 2020)	Saúde (pandemia)
3	25/06/2020	É falso que hospitais recebem R\$ 18 mil para cada registro de óbito com suspeita de Covid-19 (Menezes, 2020b)	Saúde (pandemia)

4	18/09/2020	Foto de índio ateando fogo a mato mostra queima controlada, não incêndio criminoso (Menezes, 2020c)	Meio Ambiente (queimadas)
5	28/09/2020	Secom divulga informação falsa ao afirmar que área queimada em 2020 foi a menor dos últimos 18 anos (Almirante, 2020)	Meio Ambiente (queimadas)
6	03/05/2021	É montagem capa do New York Times com elogios a manifestações pró-Bolsonaro (Afonso, 2021)	Democracia (Jornalismo)
7	05/01/2022	Vídeo que mostra pai chorando morte de criança é de bombardeio na Síria e não tem relação com vacinas (Afonso, 2022c)	Saúde (pandemia)
8	18/01/2022	É falso que ator Henry Cavill declarou apoio ao presidente Jair Bolsonaro (Nomura, 2022)	Democracia (Eleições)
9	04/02/2022	É falso que Bolsonaro exigiu do TSE cumprimento de lei sobre voto impresso (Afonso, 2022a)	Democracia (Eleições)
10	05/04/2022	É falso que Barroso, do STF, disse que Bolsonaro só será reeleito 'por cima do seu cadáver' (Lopez, 2022)	Democracia (Eleições)
11	20/05/2022	É falso que peritos da PF demonstraram que urnas eletrônicas não são confiáveis (Afonso, 2022b)	Democracia (Eleições)
12	04/11/2022	Alckmin não disse que taxar o PIX é 'extremamente necessário' (Pacheco, 2022)	Democracia (Jornalismo)

Fonte: Próprio autor (2022).

Para a escolha das aferições, levamos em conta pesquisas realizadas no âmbito do projeto “Democracia difamada: o vírus da desinformação contamina o debate público”, coordenado pelo autor, entre 2020 e 2022.

As análises que seguirão na próxima seção são originais e não invocam a percepção do pesquisador daquela época, que, fenomenologicamente (Merleau-Ponty, 2015; Bachelard, 2008), não pode ser a mesma de agora.

Resultados, análises e discussões

Os dados indicam que três acontecimentos de majorada relevância mobilizaram a produção de desinformação, quais sejam: a pandemia de Covid-19, a destruição ambiental e as eleições presidenciais de 2022.

Nas quatro unidades de registro relacionadas à pandemia, identificamos que os objetos de desinformação confrontavam as recomendações dos órgãos de saúde quanto: [i] ao uso de máscaras faciais como medida não farmacológica para evitar o contágio e a propagação do vírus da Covid-19; [ii] o uso de medicamentos, como a cloroquina, de ineficácia comprovada; e [iii] a imunização de crianças.

No primeiro caso, a estética textual apelou para o alerta, o medo e teorias conspiratórias ao mencionar que máscaras importadas da China carregavam o vírus. Se Sunstein *et al.*, (2016, p. 2) afirmam que “as teorias da conspiração geralmente simplificam causas e reduzem a complexidade da realidade”, Alcott e Gentzkow (2017, p. 213) não consideram a tendência conspiratória como uma informação falsa, “uma vez que há dificuldade de verificar o quão verdadeiras ou falsas elas são, e elas tipicamente provêm de pessoas que acreditam que sejam verdadeiras”.

Outro item com os quais a desinformação antagonizou foram o “comunismo” e o ex-ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, demitido pelo então presidente Jair Bolsonaro. Os dualismos são elementos presentes na filosofia comunicacional de Steve Bannon, que atuou como assessor de Donald Trump e consultor de Bolsonaro. “Bannon tece essas categorias binárias tensamente opostas numa narrativa apocalíptica que faz o bem lutar contra o mal em funesta e sangrenta batalha até a morte” (Alexander, 2018, p. 1014).

Na sequência, ainda sobre a desinformação na pandemia, uma montagem entre texto e imagem traz, com traços conspiratórios, uma mensagem alarmista e que visa implementar o medo da morte. Embora não apresente uma negação deliberada, faz apologia ao uso de cloroquina como método de tratamento para a Covid-19, o que foi rechaçado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Os públicos do tratamento precoce, atuando no terreno da liberdade individual viabilizada pelas novas mídias, observa Cesarino

(2022, p. 206), sobrepoem-se parcialmente “ao bolsonarismo político no sentido estrito”, embora ambos operem como públicos antiestruturais.

A gramática do tratamento precoce parecia funcionar por meio de uma lógica híbrida que combinava alguns elementos de sistematicidade científica com fortes elementos de conspiratorialidades, eu-pistemologia e bifurcação amigo-inimigo - os mesmos pilares epistêmicos do populismo digital. (Cesarino, 2022, p. 247)

Além disso, o conteúdo promove confronto em relação à TV Globo e a Luiz Inácio Lula da Silva, introduzindo, assim, um componente político à informação falsa sobre saúde. Para além disso, verifica-se uma tentativa de desintermediação, na medida em que uma empresa de comunicação com veiculação jornalística é apontada na confrontação. “A ideia da “desintermediação” fez emergir uma comunicação política apoiada no desprezo pelo jornalismo profissional e pelas organizações mediadoras antes presentes” (Cruz, 2019, p. 27)

Na terceira unidade de registro sobre a pandemia, o vídeo traz uma teoria conspiratória sobre o número de mortos em decorrência da Covid-19, dando a entender que o índice estava superdimensionado, já que, segundo a narrativa, cada registro de óbito gerava repasses de R\$ 18 mil aos hospitais. Sobre isso, Cesarino (2022, p. 213) explica que é comum as teorias da conspiração explorarem a ansiedade em temáticas como: “integridade, segurança, pureza e reprodução do corpo coletivo, expressas em temas de violações, manipulações, inoculações, transformações, vigilância ou esterilização de corpos individuais”. Como o vídeo não está acessível, não foi possível definir se o tom utilizado foi alarmista e se houve o estabelecimento de antagonismos.

Por fim, a sétima unidade, em 2022, invoca o pânico e o medo quanto à vacinação infantil. O vídeo traz uma pessoa que lamenta a morte do filho, o que, de fato, ocorreu, mas em consequência do bombardeio na Síria, no ano anterior. A respeito da pós-verdade, existem nessas retóricas “enunciados comprovadamente verdadeiros, relação a fatos efetivamente comprovados, interpretações plausíveis, induções verossímeis, o que confere ao fenômeno da pós-verdade traços para além da velha mentira política” (Seixas, 2019, p. 129). A legenda da publicação cria confrontação

com “farmacêuticas, políticos corruptos, imprensa, médicos e elite psicopata”, o que contribui para manter a conflagração sobre uma pauta que é sensível, confundindo a tomada de decisão por parte da família.

No bojo das narrativas fraudulentas sobre a pandemia, além dos elementos observados, verifica-se uma construção discursiva oposta àquela encadeada pelo sistema de peritos tradicional, como imprensa e ciência, gerando uma cisão na opinião pública, no momento em que o consenso era importante. Cesarino (2022, p. 242) articula a rejeição ao jornalismo com a emergência das plataformas digitais, em movimentos diretamente proporcionais: “o conspiracionismo sintetiza todo o poder de inversão antiestrutural das novas mídias”.

Desse modo, segue a autora, a *alt-science* antagoniza com a ciência e a mídia tradicional, mimetizando-a em caráter invertido (Cesarino, 2022). Neste caso, a sociedade, pautada pela desinformação, é capaz de criar crenças incorretas, como observou Ridder (2021), e pode tomar decisões equivocadas. Em democracias, como reflete Bucci (2019b), este é um elemento central.

Em relação à agenda ambiental, a quarta unidade de registro desinforma sobre os incêndios no Cerrado, um dos seis biomas brasileiros, na medida em que produz uma teoria conspiratória, chamando a atenção para um conflito entre o governo federal, de um lado, e a esquerda, o escritor Paulo Coelho, o ator Leonardo DiCaprio e ONGs, de outro. Ao utilizar a imagem de um indígena manejando o fogo para a queima controlada, técnica utilizada para conter os incêndios, a publicação sugere que o governo federal está sendo sabotado. Em razão disso, Dunker (2017, p. 34) pondera que a pós-verdade “envolve uma combinação calculada de observações corretas, interpretações plausíveis e fontes confiáveis em uma mistura que é, no conjunto, absolutamente falsa e interesseira”.

Na quinta UR, em publicação feita pela Secretaria de Comunicação do governo federal no Twitter, embora não haja qualquer antagonismo, e, sim, uma conduta de defesa da gestão em curso, a narrativa institucional utiliza números corretos, mas fora de contexto, o que gera desinformação. Ferreira (2018, p. 140) entende que, mais recentemente, pessoas ou coletivos com agendas próprias, cientes de que a audiência atribui relevância menor à procedência das informações, “passaram a ter maneiras fáceis de distribuir conteúdo fora de contexto ou falso”.

É importante mencionar que o ano de 2020 registrou a maior quantidade de focos de incêndio dos últimos anos, especialmente no Pantanal (Pesquisa Fapesp, 2021), cenário em que a desinformação, inclusive com status institucional, foi operacionalizada para conter danos à imagem do governo em vigência, seja para negar a ocorrência, seja para eleger outros responsáveis pela destruição.

Em uma postura ou outra, é possível identificar posição negacionista também na área ambiental, não apenas em relação às ocorrências e responsabilidades, mas também na negligência com os impactos da emergência climática. Sobre o elo entre política e negacionismo no contexto da desinformação, Boarini e Ferrari (2020, p. 39) argumentam que “o negacionismo tem sido empregado como recurso para evidenciar temas que chamem atenção da opinião pública ao mesmo tempo que minimiza outros para servir a interesses políticos” (Boarini; Ferrari, 2020, p. 39).

Sobre a temática “democracia”, há quatro peças desinformativas sobre o campo político, mais especificamente relacionados às eleições presidenciais de 2022, e duas veiculações falaciosas vinculadas ao jornalismo. Nesses casos, as informações falsas não atacam a imprensa ou um profissional, mas tentam cancelar suas narrativas com a estética do ofício.

Na sexta unidade de registro, a desinformação não opera pela retirada de contexto, mas por uma fabricação integral de conteúdo, na medida em que simula a capa do jornal norte-americano *The New York Times*, em cobertura elogiosa das manifestações em apoio ao então presidente Jair Bolsonaro.

O mesmo procedimento é verificado na unidade 12, em uma simulação de chamada jornalística, utilizando o mesmo layout da página do G1, que sugere a taxação do PIX pelo governo recém-eleito. Bucci (2019, p. 38) pondera que o mimetismo comunicacional operacionalizado pelas fake news, passando-se por narrativa jornalística, é usado “para atrair um mínimo de confiança de uns ou outros, e para circular na esfera pública”.

O recurso de emular o jornalismo, seja pela sua estética textual, seja pelos fundamentos gráficos de veículos impressos ou eletrônicos, explora a credibilidade que o jornalismo ainda carrega perante a opinião

pública de fonte de informação confiável. Aqui, observamos que, em contradição, o mesmo expediente que busca se aproveitar da fragilidade no pacto entre indivíduo e imprensa, por vezes tenta se fazer valer parasitando o jornalismo.

Das quatro unidades restantes, a oitava faz uso de uma imagem verdadeira, tirando-a de contexto na legenda e incluindo confrontação com a “mídia de esquerda” e os “comunistas”. O ator Henry Cavill esteve no Brasil e, de fato, foi fotografado com a camisa da Seleção Brasileira de Futebol. Por se tratar de uma roupa bastante frequente nas mobilizações em apoio a Jair Bolsonaro, isso foi suficiente para atrelar a imagem do ator ao ex-presidente.

Há aqui um movimento de explorar concepções sociais que já estão consolidadas na percepção coletiva, como a de convergir um vestuário a uma posição político-ideológica. Conforme Dunker (2017, p. 34), “não se trata de pedir ao interlocutor que acredite em premissas extraordinárias ou contraintuitivas, mas de explorar preconceitos que o destinatário cultiva e que, gradualmente, nos levam a confirmar conclusões tendenciosas”. Lelo e Caminhas (2021, p. 198) corroboram a perspectiva do preconceito, afirmando que “o cenário de pânico moral (...) atua menos como vetor de conversão ideológica pela via da desinformação do que como reforço de sensibilidades morais enraizadas na audiência”.

As unidades 9, 10 e 11 colocam em dúvida o sistema eleitoral brasileiro, em específico a confiabilidade das urnas eletrônicas e a necessidade do voto impresso. O antagonismo fica estabelecido com o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso, que, à época, era presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), antes de dar lugar a Alexandre de Moraes, outro membro da Suprema Corte visado pela desinformação.

Ainda que em densidades distintas, todas as peças apresentam teor conspiratório, no sentido de que o resultado não seria confiável. Em uma delas, uma lei federal de 2002 foi apresentada como atual, sendo que havia perdido validade um ano depois. A informação tirada de contexto é um dos vetores das fake news, as quais, para Bucci (2019b, p. 41), valem-se “de excertos de textos reais, descontextualizam os argumentos para produzir entendimentos falsos”, razão pela qual Dunker (2017, p. 15) fala em “verdade contextual” como elemento potente da pós-verdade. Ali,

segundo a narrativa fraudulenta, havia a necessidade da impressão do voto, após confirmação na urna eletrônica, e tratava-se de uma exigência de Jair Bolsonaro ao TSE, embate este que se estendeu até o desfecho do 2º turno.

Isso gerou desdobramentos na realidade concreta, com manifestações em várias cidades do país, questionando o resultado proclamado e a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva. As expectativas por uma reversão do resultado e a manutenção de Bolsonaro na presidência geraram mobilizações que celebravam acontecimentos inexistentes, como a prisão do ministro do STF, Alexandre de Moraes (Carta Capital, 2022). Essas movimentações culminaram em atos extremistas e antidemocráticos ocorridos em Brasília, em 8 de janeiro de 2023 (Struck, 2023).

Para Lé, Anecleto e Ribeiro (2022, p. 40-41), “passamos a ser controlados por algoritmos e, se não adotarmos a postura de vigilância e ética da informação, vamos cada vez nos aproximando da lógica do metaverso, imersos em bolhas de pós-verdade”. Nesse sentido, discutem as autoras, as informações falsas impõem “malefícios psíquicos e sociais, uma vez que há um distanciamento cada vez maior da realidade ou mesmo o seu redimensionamento artificial e induzido” (Lé, Anecleto; Ribeiro, 2022, p. 34).

Na unidade 10, uma publicação em site atribui a Luís Roberto Barroso afirmações que não ocorreram, bem como também inexisteram os eventos citados, tratando-se, portanto, de conteúdo completamente fabricado. Ferreira (2018, p. 142) define o conceito: “novo conteúdo é 100% falso, projetado para enganar e fazer mal”. Neste caso, há dois desdobramentos possíveis: em relação à pessoa e referente às instituições que representa, como o STF e o TSE.

Na 11ª unidade, um deputado federal da base governista, Otoni de Paula (MDB-RJ), concedeu entrevista, na qual apresentava muitas informações erradas, o que, mesmo que não tenham sido ditas de forma intencional, podem gerar desinformação. Wardle e Derakhshan (2017, p. 20) fazem a distinção entre mentira e erro, definindo-os, respectivamente, como “*disinformation* (informação falsa e criada deliberadamente para prejudicar uma pessoa, grupo social, organização ou país)” e “*misinformation* (informação falsa, mas não é criada com a intenção de causar prejuízos)”. Arendt (1967, p. 6) também propõe uma distinção entre as vertentes que se opõem à verdade factual:

O contrário de uma afirmação racionalmente verdadeira é, ou o erro e a ignorância, nas ciências, ou a ilusão e a opinião, em filosofia. A falsidade deliberada, a vulgar mentira, desempenha apenas o seu papel no domínio dos enunciados de facto, e parece significativo, ou melhor, bizarro que no longo debate que incide sobre o antagonismo da verdade e da política, de Platão a Hobbes, aparentemente ninguém tenha acreditado que a mentira organizada, tal como hoje a conhecemos, pudesse ser uma arma apropriada contra a verdade.

Isso demonstra que os negacionistas da política negam ela própria, ainda que façam parte do seu corpo como representantes eleitos pelo voto. Além desta contradição, é possível inferir que a desinformação possui nuances variadas, o que pode dificultar um trabalho de curadoria e orientação à sociedade.

Considerações finais

Embora o problema da desinformação não seja novo, tem demandado dos agentes públicos, da academia e da sociedade civil muita atenção, consideradas as características do atual ecossistema informacional, que elevaram o volume e o fluxo de conteúdos na ambiência digital. A produção e a disseminação de informações falsas implicam efeitos na realidade concreta, mobilizando parte da sociedade em torno de pressupostos negacionistas e antidemocráticos, o que demanda ações que possam reparar esta conjuntura.

Nesse sentido, tendo como objetivo central compreender os elementos constituintes das peças desinformativas, estabelecemos o seguinte problema de pesquisa: “Quais são os elementos característicos das informações falaciosas sobre saúde, meio ambiente e democracia?”. Uma de nossas hipóteses era que a pós-verdade oferece, por meio da criação de antagonismos, condições para que o objeto da desinformação seja propagado.

Para tanto, optamos pela análise de conteúdo, com a geração de quatro categorias analíticas, como parâmetros metodológicos condutores do estudo. A coleta de dados, a partir de pesquisa exploratória, contemplou

12 unidades de registro, que são checagens realizadas por duas agências de *fact-checking*, Aos Fatos e Lupa, entre os anos de 2020 e 2022, tendo em seu escopo temáticos três eixos: saúde (pandemia de Covid-19), meio ambiente (incêndios) e democracia (política e jornalismo)

Os resultados sugerem que os objetos da desinformação coadunam com posições compartilhadas por Jair Bolsonaro, ao longo dos quatro anos de mandato, em relação ao negacionismo e às teorias conspiratórias sobre as medidas necessárias para conter a pandemia (uso de máscaras, medicamentos, número de mortos e imunização), os acontecimentos referentes aos desastres ambientais que se sucederam em 2020 (ocorrência e responsáveis) e o processo eleitoral (voto impresso, urnas eletrônicas fraudadas e ataques às instituições, como STF e TSE).

Os dados indicam a presença de itens alarmistas e que apelam ao medo no conspiracionismo que orbita as narrativas improcedentes, além de um caráter mimético em relação ao jornalismo em dois casos analisados. Aqui, identificamos uma contradição na comparação com outras narrativas desinformativas: se, por um lado, verifica-se uma postura de questionar a credibilidade da imprensa, por outro, ciente de que a confiabilidade é ainda um valor importante da relação estabelecida com a sociedade, a desinformação emula a estética jornalística para trazer para si um nível maior de confiança.

Para isso, as peças estudadas trabalham com conteúdos completamente fabricados ou, como ocorre com maior incidência, com fotos ou vídeos verdadeiros, mas tirados de contexto pelo texto da legenda. Ao carregar frações de uma realidade que, de fato, ocorreu, pode elevar a persuasão e contribuir para o espalhamento da informação falaciosa.

Outro elemento capaz de mobilizar audiência é a criação de antagonismos, algo que é atrelado às narrativas para deslocar o eixo da responsabilidade ou negar o problema existente. Nesses casos, compreendemos que a autoria das peças desinformativas pertence a pessoas ligadas à extrema-direita e a vertentes antidemocráticas não apenas pelo fato de haver convergência com as posições do ex-presidente Jair Bolsonaro, mas também porque rivaliza com a esquerda ou pessoas ligadas a ela, com o jornalismo e com o sistema de votação.

Ao explorar elementos da pós-verdade, como apelos às emoções e à instauração de antagonismos, a desinformação é capaz de criar nuances

completamente opostas sobre o mesmo fato, fazendo com que qualquer versão dos acontecimentos passe a ser razoável. Com isso, fratura-se a sociedade, sem que haja a possibilidade de mobilização consensual da opinião pública em relação a acontecimentos que, em princípio, exigem convergência.

Há que se considerar também que a arquitetura das redes por onde circulam os discursos antiestruturais contribui para a existência de uma lógica discursiva oposta à da mídia hegemônica e hostil a esta. Por meio da sua estrutura inconclusa e manejada por robôs e algoritmos, além do usuário humano, cria-se um cenário propício para o espalhamento de conspiracionismos, negacionismos e desinformação, na medida em que o elemento humano também é agenciado pelas plataformas.

Os caminhos para, se não solucionar o que está posto, ao menos mitigar os efeitos passa por um conjunto de medidas: educação midiática no currículo das escolas e em iniciativas extracurriculares e extensionistas; novos e diversos coletivos de *fact-checking* no enfrentamento às informações falsas que circulam nas redes; atenção maior por parte de pais, mães e responsáveis quanto ao uso que as crianças fazem dos dispositivos e da internet; compromisso do poder público na elaboração de políticas públicas que tornem o ambiente virtual menos permissivo à desinformação; concordância das plataformas em combater as informações falaciosas, a incitação ao ódio e apologia à violência.

Com este trabalho, esperamos contribuir para o debate sobre a desinformação, pós-verdade, negacionismos e conspirações, tendo a consciência de que as perspectivas de investigação são muitas. Ao discutirmos essas questões que afligem a sociedade, criamos espaços para ponderarmos as melhores práticas no enfrentamento deste desafio, que é, em seu tempo, um dos maiores que estão colocados diante de nós.

Referências

AFONSO, N. **É montagem capa do New York Times com elogios a manifestações pró-Bolsonaro**, 2021. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2021/05/03/verificamos-montagem-capa-bolsonaro>. Acesso em: 11 ago. 2023.

AFONSO, N. **É falso que Bolsonaro exigiu do TSE cumprimento de lei sobre voto impresso**, 2022a. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/02/04/verificamos-bolsonaro-lei-voto-impresso/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

AFONSO, N. **É falso que peritos da PF demonstraram que urnas eletrônicas não são confiáveis**, 2022b. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/05/20/verificamos-peritos-pf-urnas/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

AFONSO, N. **Vídeo que mostra pai chorando morte de criança é de bombardeio na Síria e não tem relação com vacinas**, 2022c. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/01/05/verificamos-crianca-vacina/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

ALEXANDER, J. C. Vociferando contra o Iluminismo: a ideologia de Steve Bannon. (Maurício Hoelz, Trad.) **Sociologia & Antropologia**, v. 8, n. 3, p. 1009-1023, set./dez. 2018. Disponível em: https://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/02/9_v08n03_Jeffrey-Alexander.pdf. Acesso em 11 ago. 2023.

ALCCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211-236, Spring 2017. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~gentzkow/research/fakenews.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2023.

ALMIRANTE, J. **Secom divulga informação falsa ao afirmar que área queimada em 2020 foi a menor dos últimos 18 anos**, 2020. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/09/28/secom-area-queimada-18-anos/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

AMARAL, I.; SANTOS, S. J. Algoritmos e redes sociais: a propagação de fake news na era da pós-verdade. In: SANTOS, João F. S. **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade: manipulação, polarização e filter bubbles**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. p. 63-85.

ARENDT, H. **Verdade e política**. (Manuel Alberto, Trad.), p. 1-30, 1967. Disponível em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/11/Verdade-e-pol%C3%ADtica.pdf>. Acesso em 11 ago. 2023.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BANDEIRA, K. **Datafolha: em recorde, 79% dos brasileiros dizem apoiar a democracia**, 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2022/datafolha-em-recorde-79-dos-brasileiros-dizem-apoiar-a-democracia>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002, 229p.

BOARINI, M.; FERRARI, P. A desinformação é o parasita do século XXI. **Organicom**, [S. l.], v. 17, n. 34, p. 37-47, 2020. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.170549. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/170549>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BOORSTIN, D. J. **From news-gathering to newsmaking: a flood of pseudo-events**, 2007. Disponível em: <http://www.irfanerdogan.com/dergiweb2008/24/14.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BRAGA, R. M. C. A indústria das fake news e o discurso de ódio. In PEREIRA, Rodolfo V. **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**. Belo Horizonte: IDDE, p. 203-220, 2018. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/4813>. Acesso em: 11 ago. 2022.

BRANCO, S. Fake news e os caminhos para fora da bolha. **Interesse Nacional**, p. 51-61, ago./out., 2017. Disponível em:

<https://interessenacional.com.br/fake-news-e-os-caminhos-para-fora-da-bolha/>. Acesso em 11 ago. 2023.

BRITO, M. C. R.; SENRA, R. E. F.; LUIZ, T. C. Educomunicação como forma de resistência às adversidades atuais e integração da comunidade escolar da periferia. **Revista Labor**, v. 1, n. 27, p. 347-360, 2022a. DOI: 10.29148/labor.v1i27.71785. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/71785>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BRITO, M. C. R.; SENRA, R. E. F.; LUIZ, T. C. Educomunicação socioambiental e pandemia: o que você vê da janela da sua casa sobre o meio ambiente? **Ambiente & Educação**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 1–22, 2022b. DOI: 10.14295/ambeduc.v.27i2.14602. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/14602>. Acesso em: 11 ago. 2023.

BRUNO, F.; ROQUE, T. A ponta de um iceberg de desconfiança. In BARBOSA, Mariana (org). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

BUCCI, E. News não são fake – e fake news não são news. In BARBOSA, Mariana (org). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019a.

BUCCI, E. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri-SP: Estação das Letras e Cores, 2019b.

BUCCI, E. Pós-política e corrosão da verdade. **Revista USP**, [S. l.], n. 116, p. 19-30, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i116p19-30. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146574>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CARTA CAPITAL. **VÍDEO: Bolsonaroistas comemoram falsa prisão de Alexandre de Moraes em Porto Alegre**, 01 nov. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/video-bolsonaristas-comemoram-falsa-prisao-de-alexandre-de-moraes-em-porto-alegre/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CASTRO, J. C. L. A economia da desinformação em plataformas digitais. **43º Congresso brasileiro de Ciências da Comunicação – virtual – 1º a**

10/12/2020, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1157-1.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, v. 1, n. 1, p. 92-120, 2019. DOI: . Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/serifcomo-vencer-uma-eleicao-sem-sair-de-casa-serif-a-ascensao-do-populismo-digital-no-brasil/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CESARINO, L. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CITELLI, A. O.; SOARES, I. de O.; LOPES, M. I. V. de. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. *Comunicação & Educação*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 12-25, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v24i2p12-25. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CORONAVÍRUS BRASIL. **Painel Coronavírus**, 2023. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 11 ago. 2023.

CRUZ, Francisco B. Fake news definem uma eleição? BARBOSA, Mariana (org). **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*, [S. l.], v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018. DOI: 10.14195/2183-5462_32_11. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_32_11. Acesso em: 11 ago. 2023.

DUNKER, C. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In DUNKER, Christian et al. **Ética e pós-verdade**. Dublinense: Porto Alegre, 2017.

FAUSTO NETO, A. Fake News e circulação de sentido nas eleições presidenciais brasileiras - 2018. In: SANTOS, João F. S. **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade: manipulação,**

polarização e filter bubbles. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

FERREIRA, R. R. Rede de mentiras: a propagação de fake news na pré-campanha presidencial brasileira. **Observatório** (OBS*), [S. l.], v. 12, n. 5, p. 139-162, 2018. DOI: 10.15847/obsOBS12520181272. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1272>. Acesso em: 11 ago. 2023.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosiska Darcy de Oliveira. 16.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 48.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 58.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

IBGE. **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2021, 2022**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101963_informativo.pdf. Acesso em: 11 ago. 2023.

LÉ, J. B.; ANECLETO, Ú. C.; RIBEIRO, A. E. Saindo das bolhas de pós-verdade: Ética da informação para fluência digital e combate às fake news. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 29–48, 2022. DOI: 10.46230/2674-8266-14-9292. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9292>. Acesso em: 11 ago. 2023.

LELO, T. V.; CAMINHAS, L. R. P. Desinformações sobre gênero e sexualidade e as disputas pelos limites da moralidade. **MATRIZES**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 179-203, 2021. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v15i2p179-203. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/179801>. Acesso em: 11 ago. 2023.

LOPEZ, P. **É falso que Barroso, do STF, disse que Bolsonaro só será reeleito ‘por cima do seu cadáver’**, 05 abr. 2022. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/04/05/barroso-bolsonaro-reeleito-cadaver/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

LUIZ, T. C.; SATO, M. Debaixo d'água: o Quilombo “Mata Cavalo” mergulha no imaginário de Bachelard. *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, Sorocaba, SP, v. 22, n. 2, p. 589–607, 2020. DOI: 10.22483/2177-5796.2020v22n2p589-607. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3601>. Acesso em: 11 ago. 2023.

LUIZ, T. C.; SATO, M. Letras e rimas quilombolas:: educomunicação socioambiental em versos de resistência. *Ensino, Saude e Ambiente*, v. 14, n. esp., p. 487-511, 2021. DOI: 10.22409/resa2021.v.14iesp..a50729. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ensinosaudefambiente/article/view/50729/30614>. Acesso em: 11 ago. 2023.

LUIZ, T. C.; SATO, M. Educomunicação e emergência climática: Quilombo Mata Cavalo ecoa tradição e resistência. *Esferas*, v. 1, n. 24, p. 426-440, 2022a. DOI: 10.31501/esf.v1i24.14017. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/14017>. Acesso em: 11 ago. 2023.

LUIZ, T. C.; SATO, M. Educomunicação socioambiental no quilombo Mata Cavalo: narrativas e resistências de uma comunidade tradicional mato-grossense: *Comunicação & Educação*, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 61-72, 2022b. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v27i1p61-72. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/181851>. Acesso em: 11 ago. 2023.

LUIZ, T. C. PASSOS, B. S. dos; TOMASELLI, G. de A. Desinformação sobre vacinação infantil no WhatsApp: a checagem de fatos da Agência Lupa em conteúdos enviados por leitores. *45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UFPB – 5 a 9/9/2022*. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0808202218023962f179efdc7c4>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MAPBIOMAS. **Desmatamento em 2021 aumentou 20%, com crescimento em todos os biomas**, 2022. Disponível em: <https://mapbiomas.org/desmatamento-em-2021-aumentou-20-com-crescimento-em-todos-os-biomas-1>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MARCONDES FILHO, C. Apresentação - Fake news: o buraco é muito mais embaixo. In: SANTOS, João F. S. **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade: manipulação, polarização e filter bubbles**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. Tradução: Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], n. 18, p. 51-61, 2000. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i18p51-61. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MENEZES, L. F. **É falso que máscaras importadas da China estão infectadas com o novo coronavírus**, 2020a. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-mascaras-importadas-da-china-estao-infectadas-com-o-novo-coronavirus/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

MENEZES, L. F. **É falso que hospitais recebem R\$ 18 mil para cada registro de óbito com suspeita de Covid-19**, 2020b. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-hospitais-recebem-r-18-mil-para-cada-registro-de-obito-com-suspeita-de-covid-19/>. Acesso em 18 abr. 2023.

MENEZES, L. F. **Foto de índio ateando fogo a mato mostra queima controlada, não incêndio criminoso**, 2020c. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/foto-de-indio-ateando-fogo-mato-mostra-queima-controlada-nao-incendio-criminoso/>. Acesso em 11 ago. 2023.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

NOMURA, B. **É falso que ator Henry Cavill declarou apoio ao presidente Jair Bolsonaro**, 2022. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/01/18/verificamos-henry-cavill-bolsonaro>. Acesso em: 11 ago. 2023.

OLIVEIRA, T. M.; SOUSA, L. S. A educação midiática, diálogos e práticas possíveis com crianças no ambiente educacional da favela. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 63-77, 2022. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v27i2p63-77. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/190780>. Acesso em: 11 ago. 2023.

OROZCO GÓMEZ, G. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2014.

OXFORD LEARNER'S DICTIONARIES. **Post-truth**, 2016. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/post-truth?q=post-truth>. Acesso em: 11 ago. 2023.

PACETE, L. G. **Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo**, 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

PACHECO, P. **Alckmin não disse que taxar o PIX é 'extremamente necessário'**, 2022. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/alckmin-nao-disse-taxar-pix-extremamente-necessario/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

PEREIRA, F. C.; FOSSÁ, I. Pedagogias de Paulo Freire: educando para a cidadania com protagonismo na comunicação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 26, n. 2, p. 29-42, 2021. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v26i2p29-42. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/186628>. Acesso em: 11 ago. 2023.

PERUZZO, C. M. K.; BASSI, I. G.; SILVA JUNIOR, C. H. F. . Diálogo em Paulo Freire nas interfaces com a comunicação popular e comunitária e a pesquisa participante. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 33-48, 2022. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v27i2p33-48. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/192916>. Acesso em: 11 ago. 2023.

PESQUISA FAPESP. **Recorde de queimadas no Pantanal em 2020, 2021.** Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/recorde-de-queimadas-no-pantanal-em-2020/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

QUEIROZ, G. **É falso que cloroquina está sendo distribuída gratuitamente ‘em toda a Europa’**, 2020. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/06/24/verificamos-cloroquina-gratuita-europa/>. Acesso em 11 ago. 2023.

RECUERO, R.; VOLCAN, T.; JORGE, F. C. Os efeitos da pandemia de covid-19 no discurso antivacinação infantil no Facebook. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 859–882, 2022. DOI: 10.29397/reciis.v16i4.3404. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3404>. Acesso em: 11 ago. 2023.

RIDDER, J. What’s so bad about misinformation. **Inquiry**, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0020174X.2021.2002187>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SACRAMENTO, I.; PAIVA, R. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **MATRIZES**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 79-106, 2020. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v14i1p79-106. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/160081>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SANCHES, M. **Brasil é 4º país que mais se afastou da democracia em 2020, diz relatório**, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56724695>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri-SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

SANTOS, N.; CHAGAS, V.; MARINHO, J. De onde vem a informação que circula em grupos bolsonaristas no WhatsApp. **Intexto**, Porto Alegre, n. 53, p. 1-23, 2022. DOI: 10.19132/1807-8583202253.123603. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/123603>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SANTOS JUNIOR, M. A. Desinformação multiplataformas: Análise da circulação do caso Laranjal do Boulos. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 1-18, 2022. DOI: 10.15448/1980-3729.2022.1.42803. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/42803>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SEIXAS, R. A retórica da pós-verdade: o problema das convicções. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 18, n. 1, p. 122-138, 2019. DOI: 10.17648/eidea-18-2197. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2197/1747>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SHAO, C.; CIAMPAGLIA, G. L.; VAROL, O.; YANG, K.; FLAMMINI, A.; MENCZER, F. The spread of low-credibility content by social bots. **Nature Communications**, p. 1-9, 2018. DOI: 10.1038/s41467-018-06930-7. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41467-018-06930-7.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2014a.

SOARES, I. O. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014b. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v19i2p15-26. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SODRÉ, Muniz. O facto falso: do factóide às fake news. In: SANTOS, João F. S. **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade: manipulação, polarização e filter bubbles**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.

STRUCK, Jean-Philip. **Ataque à democracia brasileira**, 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/ataque-%C3%A0-democracia-brasileira/a-64321762>. Acesso em 11 ago. 2023.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In DUARTE, J.; BARROS, A (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

SUNSTEIN, C. R.; QUATTROCIOCCHI, Walter.; SCALA, Antonio. **Echo Chambers on Facebook**, p. 1-15, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/331936299_Echo_Chambers_on_Facebook/link/5c93b14b299bf111693e20f4/download>. Acesso em: 11 ago. 2023.

VOSOUGHI, S.; ROY, D.; ARAL, S. The spread of true and false news online. **Science**, v. 359, i. 6380, p. 1146-1151, 2018. DOI: 10.1126/science.aap9559. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/359/6380/1146/tab-pdf>. Acesso em 11 ago. 2023.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Council of Europe, October, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>. Acesso em 11 ago. 2023.

Recebimento em: 02/05/2023.

Aceite em: 31/07/2023.